

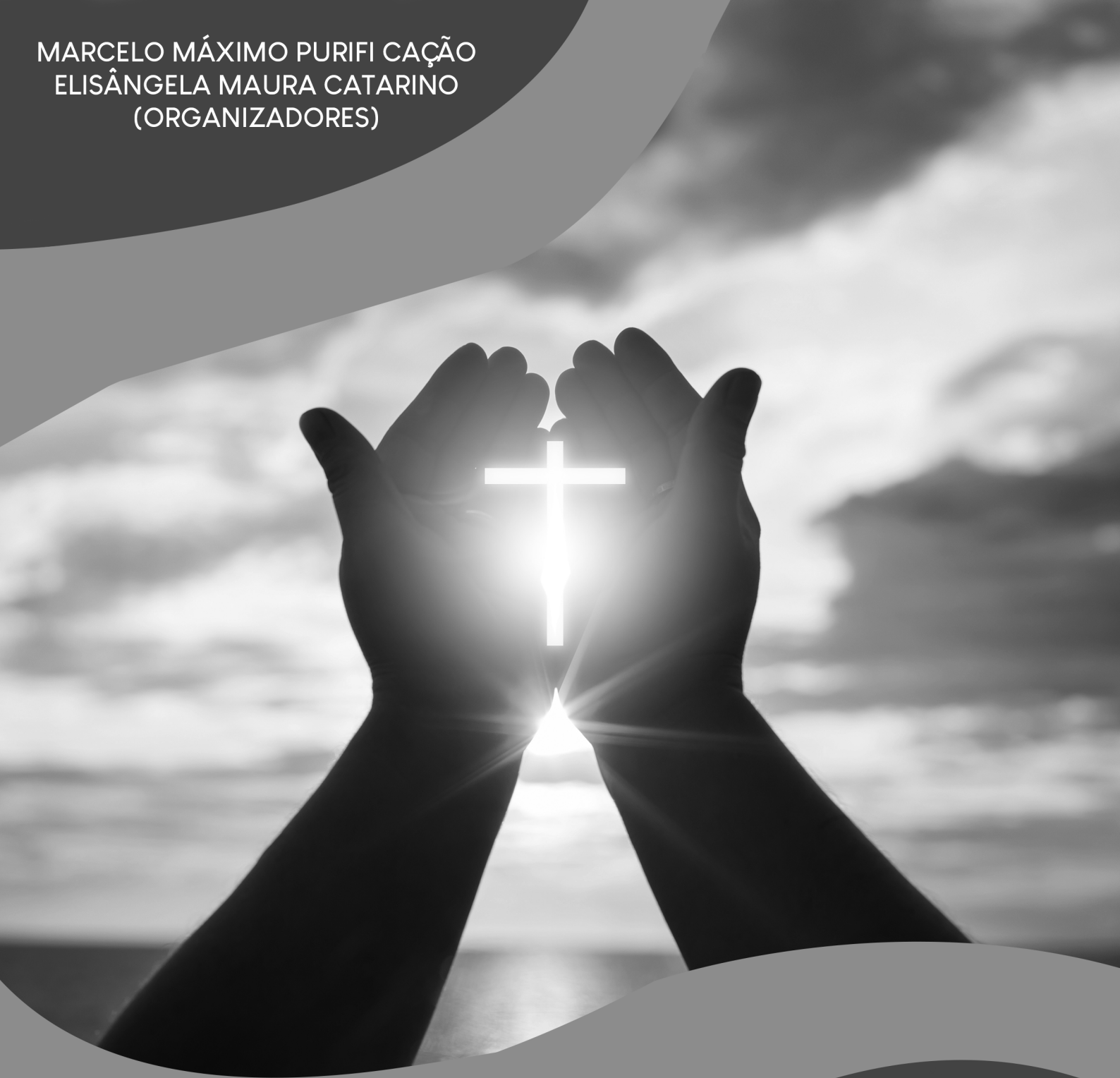
MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO

**Atena**
Editora
Ano 2019

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO


Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	<p>Teologia e ciência da religião [recurso eletrônico] : agenda para discussão / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-845-8 DOI 10.22533/at.ed.458191912</p> <p>1. Religião. 2. Sociologia. 3. Teologia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.</p> <p style="text-align: right;">CDD 200.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade marcada pela diversidade e a globalidade das culturas nos propõem discussões e relações dialógicas, com várias ciências, vários setores da sociedade. No contexto histórico, percebe-se que Teologia e Ciências da Religião, nem sempre tiveram relação harmoniosa, no entanto, não é finalidade desta obra estabelecer a linha epistemológica dessas duas áreas. Porém, como os diálogos aqui organizados direcionam-se para o campo acadêmico – resultados de estudos e investigações -, percebe-se, nessa situação, que tanto a Teologia quanto a Ciências da Religião, possuem em comum a função de regular o pensamento crítico.

O livro “Teologia e Ciências Da Religião: Agenda para Discussão” é uma obra estruturada no viés da religiosidade que traz 18 artigos, organizados em dois blocos, ambos, marcados pela pluralidade dos diálogos produzidos em contextos distintos do nosso país, que apresentam a perspectiva de autores que transitam muito bem pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesta obra o leitor encontrará temas múltiplos, vistos pela lupa da religiosidade, cujos vieses perpassam pela perspectiva do pensamento da Teologia e/ou da Ciências da Religião, tais como: Teologia Contemporânea; Formação Teológica; Atualidade do Espiritismo; Ecumenismo; Religiosidade Contemporânea; Relação Natureza e Religião; A Palavra de Deus na Liturgia entre outros.

Desse modo, apresentamos esta obra como uma opção de leitura dinâmica e diversa, com perspectiva de relevante diálogo com o contexto Teológico e com as Ciências da Religião nas interfaces com Ciências Humanas e Sociais.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino

PARTE I – INTERFACES COM A TEOLOGIA

CAPÍTULO 1	1
A LAUDATO SI' E A TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: REVIDE DE UMA ECO-TEOLOGIA ANCESTRAL	
Harethon Silveira Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.4581919121	
CAPÍTULO 2	7
A IMPORTÂNCIA DA “INTELIGÊNCIA SENCIENTE”, DE XAVIER ZUBIRI, PARA A APREENSÃO DA REALIDADE LITÚRGICA	
Álvaro Moreira Gonçalves Fernando Benetti	
DOI 10.22533/at.ed.4581919122	
CAPÍTULO 3	18
FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA LEIGOS: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	
Omundsen de Melo Costa Junio	
DOI 10.22533/at.ed.4581919123	
CAPÍTULO 4	30
MEDELLÍN E A “REVELAÇÃO ESCANDALOSA DE DEUS”, SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE J. SOBRINO	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.4581919124	
CAPÍTULO 5	38
A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EM TEMPOS BARULHO	
Ademilson Tadeu Quirino	
DOI 10.22533/at.ed.4581919125	
CAPÍTULO 6	44
DO DEUS CRUCIFICADO AO POVO CRUCIFICADO: A “THEOLOGIA CRUCIS” NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO	
Eugenio Rivas	
DOI 10.22533/at.ed.4581919126	
CAPÍTULO 7	52
NIILISMO E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4581919127	

CAPÍTULO 8	61
UM ESTRANHO INCÔMODO À NOSSA PORTA: JESUS, UM PROFETA FRONTEIRIÇO	
Raphael Colvara Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.4581919128	
CAPÍTULO 9	71
ATUALIDADE DO ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO	
Flávio Rey de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.4581919129	
PARTE II – INTERFACES COM A CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	
CAPÍTULO 10	79
A “QUESTÃO RELIGIOSA” NA MANCHESTER MINEIRA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NA CIDADE DE JUIZ DE FORA	
Rafael de Souza Bertante	
DOI 10.22533/at.ed.45819191210	
CAPÍTULO 11	93
O ECUMENISMO : ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF	
Joel Haroldo Baade Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.45819191211	
CAPÍTULO 12	106
O TERRENO BENDITO DO PRÓXIMO: A ARRISCADA PERIPÉCIA NA ABERTURA DIALOGAL COM O PRÓXIMO	
Antonio Carlos Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.45819191212	
CAPÍTULO 13	118
SEM INTERAÇÃO COM A VIDA E A NATUREZA NÃO HÁ RELIGIÃO: MUDANÇAS ESPACIAIS, TEMPORAIS, HUMANAS E A GAMIFICAÇÃO	
Giuliano Martins Massi	
DOI 10.22533/at.ed.45819191213	
CAPÍTULO 14	131
SUSTENTABILIDADE COMO EIXO INTEGRADOR DA EDUCAÇÃO	
Evaldo Apolinário	
DOI 10.22533/at.ed.45819191214	
CAPÍTULO 15	137
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS	
Elivaldo Serrao Custodio	
DOI 10.22533/at.ed.45819191215	

CAPÍTULO 16	153
ELEMENTOS TEXTUAIS NO RELATO DA CURA DA MULHER ENCURVADA	
Rivadavio de Barros Gico Junior	
DOI 10.22533/at.ed.45819191216	
CAPÍTULO 17	166
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA	
Clarissa Mourão Pinho	
Eduardo Tavares Gomes	
César de Andrade de Lima	
Ana Catarina de Melo Araújo	
Sara Larissa de Melo Araújo	
Evelyn Maria Braga Quirino	
Morgana Cristina Lêoncio de Lima	
Mônica Alice Santos da Silva	
Cynthia Angelica Ramos de Oliveira Dourado	
Simone Andrade Gonçalves de Oliveira	
Maria Sandra Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.45819191217	
CAPÍTULO 18	182
OS CENÁRIOS DA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA	
Celso Gabatz	
DOI 10.22533/at.ed.45819191218	
SOBRE OS ORGANIZADORES	194
ÍNDICE REMISSIVO	195

UM ESTRANHO INCÔMODO À NOSSA PORTA: JESUS, UM PROFETA FRONTEIRIÇO

Data de aceite: 18/11/2019

Raphael Colvara Pinto

Doutorando do Curso de Pós- Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e bolsista CAPES/ PROSUP. E-mail: raphael.pinto@acad.pucrs.br. <<http://lattes.cnpq.br/9509184224022815>>.

RESUMO: Os inúmeros debates sobre a globalização e a recente crise migratória têm suscitado discussões acaloradas acerca de temas referentes às fronteiras geográficas e às identidades em conflito, especialmente a partir da liquidez vivida nas diferentes esferas da vida, colocando desafios, não somente às ciências sociais, como também à Teologia. Por fronteira, entende-se, não apenas os espaços geográficos, mas também aqueles simbólicos de intersecção e confluência de distintas realidades. Partindo da hipótese de que a repulsa e a xenofobia, frutos da crise migratória, são, em parte, um componente dos efeitos colaterais impostos pela globalização economicista - que almeja livre acesso ao mercado, mas imputa restrição à circulação de pessoas pobres dos países periféricos. Esse artigo pretende apresentar a figura de Jesus como um “profeta marginal” que nasceu, viveu e morreu fora dos limites estabelecidos de sua

época. A análise tem, como aporte teórico, as contribuições do sociólogo Zygmunt Bauman e do teólogo Joerg Rieger.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização. Fronteira. Profeta fronteiroço

A STRANGE NUISANCE ABOUT OUR DOOR: JESUS A BORDER PROPHET

ABSTRACT: The numbers of debates about globalization and the recent migratory crisis suffer heated discussions about themes related to geographical borders and how identities in conflict, especially from the liquidity lived in different spheres of life, not only social changes, but also Theology. By boundary is meant not only geographical spaces but also symbolic symbols of intersection and confluence of different realities. Assuming that repulsion and xenophobia, the result of the migration crisis, are part of the effects imposed by economic globalization, which allows free access to the market but imputes the circulation of poor people from peripheral countries, this text as a Broader understanding of the issue, this article describes a picture of Jesus as a "marginal prophet" who was born, lived, and died because of the boundaries of his day. One analysis has as theoretical contribution as contributions of sociologist Zygmunt Bauman and theologian Joerg Rieger.

KEYWORDS: Globalization. Border. Border

INTRODUÇÃO

O mundo, especialmente a partir da crise humanitária e migratória na Europa e nos Estados Unidos, tem assistido à construção de inúmeras fronteiras geográficas e simbólicas. Trata-se de uma realidade tão avassaladora, desafia a nomear suas formas de manifestação, para evidenciar a gravidade do problema. A ideologia da exclusão, que dá lugar ao medo e a xenofobia, tem sido amplamente difundida por políticas nacionais protecionistas e pelos meios de comunicação de massa, propagando o que Zygmunt Bauman chamou de “Pânico Moral”, isto é, o “compartilhamento do medo por parte da população de um mal, que aflige e coloca em xeque o bem-estar da sociedade como um todo”, aqui, no caso, a crise migratória, que traz consigo o risco iminente do terrorismo (BAUMAN, 2016. p.7-8).

Mas o que está em jogo em tudo isso? Segundo o referido autor, é o estilo promovido por uma “sociedade líquida”, que trouxe consigo consequências sociais irreversíveis. Para além de uma suposta abertura apregoada pela globalização, o que Bauman constata é o aumento da “cultura do medo”. Essas questões transcendem a dimensão meramente religiosa. O debate se dá no nível político e econômico, onde as fronteiras são reveladoras da necessidade de demarcação espacial da representação do poder e da indústria armamentista, que promove e, ao mesmo tempo, oculta seus interesses beligerantes.

Por detrás, do discurso global, o que se assiste é a um aumento significativo de muros e barreiras de contenção, cada vez mais frequentes e generalizados, supostamente em países que se dizem democráticos e almejam propagar o seu estilo de vida para os demais recônditos do planeta. Talvez isso ocorra, porque os imigrantes “tornam conscientes e lembram aquilo que preferiríamos esquecer” (BAUMAN, 2016, p. 21). Longe de ser pacífica, a fronteira é híbrida e multidimensional, pois é perpassada por diferentes contextos, que ora divide e une, ora repele e atrai, num conjunto, nem sempre harmonioso, entre estigma e acolhimento, medo e busca por uma vida melhor.

Então, o que essa abordagem líquida pode oferecer para repensar as demais ciências sociais, que permanecem fundamentais em lógicas territorializadas? Quais são os limites dessa abordagem? Quais são os seus pontos críticos? Serão os cristãos de hoje capazes de se deixarem interperlar pela realidade da mobilidade humana, especialmente em tempos de uma estupenda crise migratória que atravessa a humanidade?

Para tanto, buscar-se-á fazer duas abordagens: a primeira, de cunho sociológico, onde se contextualizará o impacto da globalização financeira e seus efeitos colaterais

e, posteriormente, a figura de Jesus, como um “profeta marginal”, que nasceu, viveu e morreu fora das fronteiras estabelecidas de sua época.

APROXIMANDO-SE DA FRONTEIRA

Nos últimos anos, a ideia de fronteiras passou a desempenhar um papel-chave em importantes linhas de pesquisas, especialmente nas ciências sociais. Fronteira tornou-se um conceito complexo, pois engloba, simultaneamente, fenômenos espaciais e sociais, que são constantemente forjados, por questões que dizem respeito à política, à economia e aos distintos interesses.

Uma das características da globalização, especialmente a partir da década de 70, foi o aumento da mobilidade do capital e da informação. Essa abordagem foi amplamente discutida por teóricos como Giddens (1991), Hall (2011) e Bauman, donde emergem questões como a identidade e mobilidade global. Cabe reiterar que tais questões não dizem respeito apenas ao domínio hermético de cientistas sociais e políticos, pois essa nova conjuntura tem alterado o papel funcional das fronteiras internacionais. Isso traz, em seu bojo, um processo complexo e ambíguo entre as realidades globais e locais, que se implicam mutuamente, transformando as realidades sociais e políticas em nível planetário. Os inúmeros avanços aliados às mudanças nos níveis macro e micro nas formas de neoliberalismo têm alterado vertiginosamente a ordem global, intensificando a competição, gestando uma nova ordem de produção e consumo, que se dá pela fluidez e volatilização da política e do mercado.

A bem da verdade, em tempos de crise, como esse, “até o profeta e o sacerdote perambulam pela terra sem saber o que se passa” (Jr. 14,18) pois, se de um lado, fala-se em mundo ilimitado, aberto ao capital financeiro, de outro, o mesmo não ocorre quando se abordam temas ligados aos fenômenos migratórios, oriundos dos países periféricos

Bauman, reiteradamente, tem chamado a atenção para as fronteiras - físicas ou conceituais - que, segundo ele, são reveladoras de uma incapacidade de convivência entre “os diferentes”, entre o que se convencionou chamar de civilização e barbárie. Questões de interesse mundial tornam-se parte das experiências locais, introduzindo desafios e conflitos, especialmente aos governantes que precisam tratar problemas globais de forma local, levando a cabo o que Bauman chamou de eliminação entre centro e periferia.

No mundo pré-moderno, as fronteiras eram práticas de uma sociedade rural, que limitava o território ou, quando muito, nas cidades medievais, onde os muros separavam e evitavam as invasões; esse mundo tradicional, ou “sólido”, foi gradativamente cooptado pela emergência de uma classe social nascente: a

burguesia, dando início às fronteiras nacionais, com a constituição dos Estados modernos, que marcaram o sistema laico de relações internacionais. Essa realidade vigorou até o século XX, quando começou a ruir, com os novos impulsos postos pela globalização econômica, enquanto “espaços de fluxos”, que relativizou o território e a geografia pela demanda imposta pelo capital financeiro transnacional. Tal iniciativa foi levada a cabo na cultura anglo-americana, por Margaret Thatcher e Donald Regan.

Desse ponto de vista, a sociedade de hoje se diferenciaria da modernidade de outrora, em que as relações entre estruturas sociais- coletivas e indivíduos - de alguma forma, eram mais estáveis e duradouras. Segundo Bauman, o fordismo foi a melhor representação disso, pois significou a autoconsciência daquilo que ele denominou de “pesada”, “volumosa”, “imóvel” e “sólida” (BAUMAN, 2000, p. 69), em que as pessoas compartilhavam um sentimento de segurança, uma oportunidade de vir a se aposentar em uma empresa, onde trabalhou toda a vida.

Com a globalização financeira, esse contexto mudou drasticamente, colocando como eixo a competição, a lucratividade e a meritocracia, gestando, dessa forma, insegurança e medo, pois a lógica especulativa do mercado neoliberal “espera dos indivíduos soluções biográficas para contradições sistêmicas” (BAUMAN, 2005, p. 67).

Uma das questões levantadas por Bauman “é a ruptura entre as elites extraterritoriais, cada vez mais globais e o restante da população, cada vez mais localizada” (BAUMAN, 1998, p.9). A esse fenômeno, Anthony Giddens chamou de desencaixe, isto é, “o deslocamento das relações sociais locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”. (GIDDENS, 1991, p. 31), o que tem aprofundado ainda mais as assimetrias entre ricos e pobres, em uma suposta “aldeia global”, gerando uma realidade conflitiva, complexa e desumana no que diz respeito às questões políticas, econômicas e culturais; colocando em proximidade pessoas e interesses em espaços cada vez mais globalizados. Aos primeiros, os ricos, enfatiza-se a proteção e os direitos civis, aos pobres as migalhas que caem do banquete de uma pequena parcela detentora dos meios de produção, pois segundo essa lógica, esses são os sobrantes, o refugio, o efeito colateral mais evidente e nefasto de uma ordem global que privilegia alguns em detrimento de muitos que ficam à margem. Essas fronteiras têm se constituído em uma nítida demarcação entre o que Bauman convenceu chamar de “turistas” e “vagabundos”, sendo o segundo, tidos como bárbaros e terroristas. Essa barreira que separa grupos sociais e diferentes modos de vida, “estabelece uma linha demarcatória, seja ela no que tange às condições sociais de vida e oportunidades produzindo ‘pessoas redundantes’, excessivas e não empregáveis, em razão do progresso econômico” (BAUMAN, 2016, p. 9).

Infelizmente, a intensificação das desigualdades e assimetrias globais têm

tornado, ainda mais evidentes as questões que dizem respeito à mobilidade humana. Isso porque, as motivações que levam as pessoas deixarem seu país de origem são as mais variadas: desde a crise humanitária geradas pela desestabilidade política, catástrofes naturais ou até mesmo o sonho consumista de viver uma vida mais confortável. Essas fronteiras, que pretendem estancar fluxos migratórios de populações pobres, tem-se se mostrado muito frágil e porosa: “o medo do terrorismo misturado e cimentado com o ódio aos estranhos, tem despertado uma repulsa, que tem sido constantemente alimentada” (BAUMAN, 2005, p. 71). O que resulta disso, é o isolamento e a marginalização, sobretudo quando se toma em consideração a distribuição desigual do poder na economia e na sociedade.

As questões migratórias têm representado um desafio conceitual à Teologia e às demais ciências sociais, ainda muito acostumadas a um “modelo sólido”, pouco afeitas às mudanças paradigmáticas, e com um instrumental teórico-conceitual, excessivamente localizado, incapaz de pensar as novas configurações para além das coordenadas baseadas na localização física. Dada sua abrangência e complexidade, as correntes migratórias questionam a longa correspondência entre nação, cultura, identidade e lugar. Isso implica compreender que as pessoas que migram fazem isso por inúmeras razões, criando dessa forma um espaço social não baseado em “terreno sólido”, mas em uma perspectiva que vai além do mero marco físico ou territorial de referência.

Assim sendo, a Teologia vê-se desafiada a refletir mais adequadamente sobre questões “líquidas” em um mundo fraturado por problemas, que dizem respeito à exclusão e ao medo, terrorismo e acolhimento, para os quais seria pretensioso ter uma resposta definitiva e globalizante da realidade. Contudo, nada dizer seria omissivo e preguiçoso, parafraseando Joeger Rieger: “uma Teologia estática, que não se move para encontrar as pessoas e o mundo, é da mesma forma, incapaz de mover-se para encontrar a Deus” (RIEGER, 2015, p.119).

Após a abordagem sociológica sobre o tema da migração, cabe, agora, uma aproximação teológica. Primeiramente, um rápido sobrevoo sobre a história de Israel, enquanto povo do Êxodo e, depois, sobre a figura de Jesus, como um profeta fronteiriço.

ISRAEL: A HISTÓRIA DE UM POVO FRONTEIRIÇO

A primeira constatação a ser elencada é a de que o fenômeno migratório é tão antigo, quanto a própria consciência que o homem tem de si. A Sagrada Escritura, enquanto texto cultural, é um livro permeado por fronteiras migratórias. A história do povo de Israel é atravessada por constantes fenômenos de mobilidade, sejam eles observados pelos seus aspectos geográficos, tanto quanto pelas suas circunstâncias

existenciais, isso porque a tradição Judaica é devedora da experiência do Êxodo e do Exílio. Do sonho de obter uma Terra Prometida, o povo de Israel viu-se imerso em um período de longa e penosa escravidão no Egito.

Joerg Rieger (2015) propõe uma discussão acerca dos motivos da jornada como um tema central na Sagrada Escritura. Ao longo da Bíblia, lê-se a trajetória de inúmeros viajantes, cujas marchas foram percorridas com dificuldades em uma estrada pavimentada pela fé e pela esperança. Tais trajetórias foram marcadas por tensões, lutas e descobertas. Tal como acontece com todos os grupos sociais, a formulação de fronteiras é uma característica crucial da autodefinição: quem deve ser considerado um dos “nós” e quem deve ser considerado “outro”.

A primeira experiência de fé na Bíblia teve sua gênese na história de uma peregrinação: Abraão, o filho “de uma arameu errante” (Dt 26,5). Essa é uma narrativa fundante, mas não só. Basta pensar na experiência do Egito. A ida para lá não foi uma viagem turística ou de negócios. Seguramente, tiveram tantos problemas quanto qualquer imigrante tem hoje, quando chega a um país desconhecido: idioma, adaptar-se a uma cultura estranha, trabalho remunerado abaixo do que é pago aos nativos (Ex 1,13-14; 5,9), e por mais que buscassem se inculturar, permanenciam sempre como estrangeiros, um grupo social a ser controlado, ao qual eram impostos duros mecanismos de coerção, como controle de natalidade e longa jornada de trabalho (Ex 1,10; 26,6).

Essa importante história de migração, escravidão e libertação tornou-se núcleo fundante de uma experiência, que depois tornou-se ação litúrgica, onde se recitavam solenemente as maravilhas que o Senhor havia operado por meio de seu povo: a Páscoa-passagem. Tal celebração visava a recordar duas coisas importantes: a primeira, as aflições e humilhações sofridas no Egito e a segunda, o evento libertador, de um Deus que ouve o clamor do seu povo, desce e toma partido em defesa de Israel (Ex 3,7). Essa memória trágica, mas ao mesmo tempo grávida de esperança e fé, é que forjou a consciência ética hebraica. Por isso, o imperativo: “não maltratareis, nem oprimireis a nenhum dos estrangeiros, pois vós fostes estrangeiro no Egito” (Ex 22,21). Sua vulnerabilidade, o recordava constantemente sua impotência no passado, mas ao mesmo tempo, projetava um desafio ético para o futuro: era preciso cuidar da viúva, do órfão e do estrangeiro, como um pacto de justiça entre Javé e Israel.

O CRISTIANISMO E AS FRONTEIRAS

O tema da mobilidade humana, para o Cristianismo, assim como para o Judaísmo, não é uma perspectiva secundária, ao lado de tantas outras, mas um eixo transversal, que perpassa a vida e os seguidores de Jesus.

Para Jorg Rieger “o cristianismo não é uma questão de edifícios ou prédios

religiosos, mas de estrada” (RIEGER, 2015, p.15). Para tanto, faz-se necessário olhar para o evento Jesus e perceber em que sentido dá-se o seu ministério. Primeiramente, cabe lembrar que a “Encarnação do Verbo” deu-se na periferia da civilização, num estábulo. A família de Nazaré logo precisou migrar para o Egito. Tornam-se refugiados, por causa da perseguição de Herodes. Sua vida foi marcada por diversas circunstâncias marginais - filho de pais pobres - Jesus foi um “profeta intinerante e marginal”, sem credenciais, como diria John Meier (1993). Seu fim não foi menos dramático, ao contrário, ele morreu fora dos muros estabelecidos da cidade, crucificado entre criminosos de seu tempo. Nesse sentido, emblemática é a Carta aos Filipenses, na qual o autor narra que Jesus, sendo de condição Divina, esvaziou-se, assumindo a forma de um escravo; humilhando-se e tornando-se obediente até a morte e morte numa cruz. (Cf. Ef 2, 2-6).

Esse espaço periférico ou marginal, a “Galileia dos Gentios”, lugar onde várias culturas se cruzavam, foi onde Jesus plasmou sua história e identidade, enquanto profeta fronteiro. Assim, de acordo com a perspectiva religiosa judaica, os habitantes dessas regiões, especialmente os samaritanos, eram impuros e suspeitos. Conforme o evangelho de Mateus, o Jesus Galileu assim representou os deslocados, que vivem no espaço liminar: “as raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça” (Mt 8, 20). Com essa afirmação, os evangelistas não pretenderam propor uma mera frase de efeito, mas dizer que Jesus, no contexto de sua época, tornou-se um “sem teto”, para se solidarizar radicalmente com um grande número de pessoas que não possuíam casas, e por isso estavam à margem ou desenraizados.

Nos Evangelhos, Jesus se identifica profundamente com os rechaçados: os pobres, os pecadores, as mulheres e os publicanos, aos quais chamou para o seu seguimento, visitando-os e comendo à mesa com eles, algo pouco comum no “sistema de pureza”, que classificava as pessoas segundo critérios, visando à manutenção, os benefícios e os interesses de alguns que se constituíram no poder, seja ele civil ou religioso. As inúmeras incompreensões por parte dos seus e os conflitos com as demais autoridades denotam, que o projeto fronteiro proposto por Jesus foi capaz de abalar aquilo que se configurou como aparato social e religioso, em vista do controle e da ordem vigente imposta a eles pelo sistema.

Daqui, depreende-se que Jesus, enquanto um profeta fronteiro da Galileia, conduziu uma profunda inversão dos valores e critérios ao dizer: “as grandes nações a tiranizam, entre vós não deveis ser assim, o maior é o que serve” (Mt 20, 25-27). Temas, como a idolatria do dinheiro, não passam despercebidos: “não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24), nem, tampouco, o reconhecimento social: “quando deres esmola não façais como os fariseus que gostam de serem reconhecidos nas praças públicas” (Mt 6,1-4) e assim, sucessivamente, foram colocando as bases

para uma nova ordem divina: o Reino de Deus.

CONCLUSÃO

Sabe-se que a fronteira, numa perspectiva cristã, não pode ser tomada meramente como uma linha de contenção, para segregar pessoas e lugares. As fronteiras, longe de serem um espaço “sólido” e seguro, têm-se tornado, cada vez mais, uma trincheira de animosidade e xenofobia, permeada por uma busca constante por segurança de um medo, que Bauman denominou de “pânico moral”. Isso implica uma análise rigorosa, uma compreensão profunda das tensões oriundas da proximidade de povos, tradições e culturas, vivendo em um espaço geográfico mais globalizado.

Apesar da contudência dos fatos, a chegada cada vez maior de refugiados interpela e expõe as fragilidades dos discursos humanitários e pacifistas propostos por líderes mundiais, que não tiram as consequências, que tal proposta implica. Tais debates não podem desconsiderar questões complexas de direitos e responsabilidades, que devem ter em conta o aumento do fluxo de pessoas. Na verdade, isso exigiria fazer uma outra “revolução copernicana”, onde, no centro das decisões, não mais estaria o capital especulativo transnacional, mas as questões reais de vida das pessoas em vulnerabilidade.

Indubitavelmente, são questões que transcendem a esfera meramente sociológica. Para quais, existem diferentes posturas: a primeira que é retirar-se do espaço público, por entender que a experiência religiosa é algo privado e nada tem a dizer a respeito da dimensão social da fé, ou então, a segunda opção, que é a perspectiva desse artigo, que é ocupar o espaço público, não para fazer propaganda religiosa, mas demonstrar a pertinência do discurso teológico. “Isso não significa fazer média”, como o medo de como tomada de posição interesseira. É importante dar-se conta de que não pode andar a reboque de paradigmas impostos pelo sistema de mercado e suas peripécias para perpetuar-se em novas facetas sob pena de perder a sua identidade. Não basta apenas uma visão crítica, na qual se afirma que Teologia precisa ser relevante neste mundo, acomodando-se a um estilo de vida pós-moderno. É preciso também, que ela se confronte com essa cultura num diálogo sincero e profético, naquilo que apresenta de valores e contra valores.

Por isso, a intenção deste artigo é abordar a temática, a partir de um horizonte também teológico, tomando como referência a experiência de mobilidade humana na tradição judaico-cristã e entendendo o Êxodo e a figura de Jesus como marco identitário capaz de perceber que Deus se fez imigrante com aqueles que se colocam nas estradas do mundo.

Para tanto, as comunidades cristãs são desafiadas a tematizarem essas

questões, sob uma perspectiva ecumênica, intercultural e em diálogo com outros atores sociais. Segundo Rieger, “Teologia na estrada é o melhor antídoto para superar uma visão narcisista e autorreferente da fé” (RIEGER, 2015, p. 119). Pois, Deus continua a se revelar em meio a essas fraturas e, sobretudo, nos diferentes contextos e acontecimentos da vida. A preocupação principal, aqui, não pode ser de proselitismo religioso, mas: “reconhecer que os encontros com o outro ‘na estrada’, são vitais para o mundo e para a Igreja, bem como para a compreensão de Deus” (RIEGER, 2015, p. 119), reconhecendo que esse cruzamento fronteiriço, abre espaço para o intercâmbio criativo de experiência e valores, em meio as inúmeras fraturas vividas na esfera global.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

_____. *Confiança e medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

_____. *O mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.

_____. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

_____. *Vida para Consumo: a Transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

_____. *Isto não é um diário*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CANDANTEN, A. *Povo a Caminho: uma espiritualidade que gera esperança*. 2. ed. Caxias do Sul: Lorigraf, 2007.

CASTELLS, M. *The Informational City: Informations Technology, Economic Restructuring, and the urban-Regional process*. Massachusetts: Blackell, 1999.

_____. *O Poder das Identidades*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIDDENS, A. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

HALL, S. *A Identidade cultural na Pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

RIEGER, J. *Globalization and Theology*. Nashville: Abingdom Press, 2010.

_____. *Faith on the road: a short Theology of Travel & Justice*. Downers Grove: IVP Academic, 2015.

TRACY, D. *The analogical Imagination: Christian Theology and Culture of Pluralism*. New York: The Crossroad publishing Company, 1987.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Marcelo Máximo Purificação - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

Elisângela Maura Catarino - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Animismo 1, 2, 3

Aspecto religioso 71, 72, 75, 76

C

Cristologia 22, 30, 31, 33, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 136

Cura 3, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 172, 176, 179

D

Diferenças 23, 107, 110, 114, 120, 137, 138, 139, 140, 141, 146, 152, 170

E

Ecumenismo 77, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Educação ambiental 131, 133, 134, 136

Escuta 10, 38, 39, 40, 41, 42, 116, 163

Espiritismo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 106, 116

G

Gamificação 118, 128, 129

Globalização 61, 62, 63, 64, 69, 77, 112, 113, 192

H

HIV 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

I

Inteligência senciente 7, 8, 9, 10, 17

L

Laudato si' 1, 2, 3, 4, 5, 6, 135, 136

Liturgia 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43

M

Maçonaria 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulher 136, 153, 158, 159, 160, 161, 163, 165

N

Natureza 2, 3, 4, 5, 18, 22, 28, 57, 59, 77, 83, 96, 98, 99, 100, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 157

Nilismo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

P

Palavra de Deus 18, 19, 22, 38, 39, 40, 41, 42

Pluralismo religioso 82, 93, 96, 188

Povo crucificado 44, 46, 47, 48, 50

Profeta fronteiroço 61, 65, 67

R

Reconhecimento 37, 47, 67, 100, 110, 112, 113, 123, 137, 139, 140, 144, 150

Relacionamento 101, 102, 106, 108, 109, 110, 115, 161

Religião 1, 2, 6, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 85, 87, 91, 93, 111, 112, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 130, 131, 163, 167, 168, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Religiosidade 2, 3, 4, 72, 77, 117, 153, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191

Romanização 79, 80, 85, 86, 90

S

Silêncio 38, 39, 40, 41, 42

Sustentabilidade 131, 132, 133, 134, 135, 136

T

Teologia da libertação 44, 50

V

Valores 32, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 67, 68, 69, 80, 85, 88, 108, 109, 112, 113, 114, 138, 146, 150, 184, 186, 190, 191

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-845-8



9 788572 478458